

# VERDADE E INTERPRETAÇÃO ●

Luigi Pareyson

Tradução

MARIA HELENA NERY GARCEZ

SANDRA NEVES ABDO

**Martins Fontes**  
São Paulo ● 2005

*Esta obra foi publicada originalmente em italiano com o título  
VERITÀ E INTERPRETAZIONE, por Ugo Mursia Editore, Milão.  
Copyright 1971 Gruppo Ugo Mursia Editore s.p.A.  
Copyright © 2005, Livraria Martins Fontes Editor Ltda.,  
São Paulo, para a presente edição.*

**1ª edição**

julho de 2005

**Tradução**

MARIA HELENA NERY GARCEZ

SANDRA NEVES ABDO

**Acompanhamento editorial**

Lucia Aparecida dos Santos

**Revisões gráficas**

Solange Martins

Sandra Regina de Souza

Dinarte Zorzanelli da Silva

**Produção gráfica**

Geraldo Alves

**Paginação/Fotolitos**

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pareyson, Luigi, 1918-1991.

Verdade e interpretação / Luigi Pareyson ; tradução Maria  
Helena Nery Garcez, Sandra Neves Abdo. – São Paulo : Mar-  
tins Fontes, 2005. – (Coleção biblioteca universal)

Título original: Verità e interpretazione

Bibliografia.

ISBN 85-336-2167-1

1. Hermenêutica 2. Ideologia 3. Verdade (Filosofia) I. Título.  
II. Série.

05-4882

CDD-121.68

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Verdade e interpretação : Epistemologia : Filosofia 121.68

*Todos os direitos desta edição para a língua portuguesa reservados à*  
**Livraria Martins Fontes Editora Ltda.**

Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3101.1042

e-mail: [info@martinsfontes.com.br](mailto:info@martinsfontes.com.br) <http://www.martinsfontes.com.br>

## ÍNDICE

<i>Apresentação à edição brasileira</i> .....	XI
<i>Prefácio</i> .....	1
<b>INTRODUÇÃO   Pensamento expressivo e pensamento revelativo</b> .....	
1. Consideração historicista e discussão especulativa .....	7
2. Expressão do tempo e revelação da verdade .....	10
3. Características do pensamento que desconhece o vínculo entre pessoa e verdade ..	12
4. Discurso crítico e discurso semântico: desmistificação e interpretação .....	15
5. Inobjetivabilidade da verdade .....	19
6. Não o misticismo do inefável, mas a ontologia do inexaurível .....	22
7. Falência da desmitização: irracionalismo da razão sem verdade .....	24
8. Servidão no pensamento técnico e liberdade no pensamento revelativo .....	26

## PRIMEIRA PARTE

**VERDADE E HISTÓRIA**

<b>CAPÍTULO I   Valores permanentes e processo histórico</b>	<b>31</b>
1. Insuficiência do historicismo e do empirismo, característicos da cultura hodierna . .	31
2. Historicidade dos valores e durabilidade histórica . . . . .	35
3. Além dos valores e além da durabilidade: a presença do ser . . . . .	38
4. A inexauribilidade do ser como fundamento da sua presença e ulterioridade nas formas históricas . . . . .	41
5. As formas históricas como interpretações do ser: eliminação do relativismo . . . . .	43
6. ● Originariedade da tradição . . . . .	45
7. Regeneração e revolução . . . . .	48
8. Ser e liberdade . . . . .	49
<b>CAPÍTULO II   Originariedade da interpretação . . . . .</b>	<b>51</b>
1. Relação com o ser e interpretação da verdade: ontologia e hermenêutica . . . . .	51
2. Na interpretação, aspecto histórico e aspecto revelativo são coessenciais . . . . .	52
3. Caráter não subjetivista nem aproximativo da interpretação . . . . .	54
4. Impossibilidade de distinguir um aspecto caduco e um núcleo permanente na interpretação . . . . .	57
5. A unicidade da verdade e a multiplicidade das suas formulações são inseparáveis . . .	60

6. A formulação da verdade é interpretação, não sub-rogação dela: não monopólio nem travestismo . . . . .	62
7. Falso dilema entre a unicidade da verdade e a multiplicidade das suas formulações . .	66
8. Caráter hermenêutico da relação entre a verdade e a sua formulação . . . . .	69
9. A interpretação não é relação de sujeito e objeto . . . . .	
10. A interpretação não é relação de conteúdo e forma ou de virtualidade e desenvolvimento . . . . .	76
11. A interpretação não implica uma relação entre partes e todo: insuficiência da integração e da explicitação . . . . .	78
12. Estatuto da interpretação . . . . .	85
13. Conseqüências da pessoalidade da interpretação . . . . .	88
14. Conseqüências da ulterioridade da verdade	93

## SEGUNDA PARTE

**VERDADE E IDEOLOGIA**

<b>CAPÍTULO I   Filosofia e ideologia . . . . .</b>	<b>101</b>
1. Pensamento expressivo e pensamento revelativo . . . . .	101
2. Historicização do pensamento na ideologia .	102
3. Tecnicização da razão na ideologia . . . . .	104
4. Inseparabilidade do aspecto histórico e do aspecto revelativo no pensamento ontológico: verdade e interpretação . . . . .	108

5. Unidade originária de teoria e práxis no pensamento ontológico: ser e testemunho	113
6. Falsa consciência e mistificação no pensamento ideológico	119
7. Falsificação do tempo no pensamento ideológico	124
8. Explicitação completa do subentendido e infinita interpretação do implícito	128
9. O problema do fim das lutas ideológicas não se resolve nem pelo historicismo sociológico nem pelo materialismo histórico	132
10. A tecnicização do pensamento aumentada pelo fim da luta das ideologias	135
11. Somente a filosofia como guardiã da verdade torna possível o diálogo	137
<b>CAPÍTULO II   Destino da ideologia</b>	<b>143</b>
1. Equivocidade do significado neutro ou positivo da ideologia	143
2. O problema da distinção concreta entre ideologia e filosofia	147
3. Deliberada confusão entre filosofia e ideologia	150
4. Caráter não filosófico da ideologia	154
5. <i>Weltanschauung</i> , filosofia, ideologia	156
6. Realidade positiva do mal e do erro	160
7. Irremediável negatividade da ideologia	162
8. Aspectos falsamente positivos da ideologia e sua denúncia	166
9. Caráter não ideológico da filosofia	170
10. Concretude da filosofia autêntica	174
11. Diferença entre caráter histórico e caráter ideológico do pensamento	178

12. Unicidade da verdade e pluralidade, mas não parcialidade, das filosofias . . . . .	181
13. O problema da ontologia negativa: inefabilidade ou inexauribilidade . . . . .	185
14. O pensamento revelativo, único mediador entre a verdade e o tempo: necessidade da filosofia entre religião e política . . . . .	190
15. Eficácia racional da filosofia, não da ideologia: teoria e práxis . . . . .	197
16. Inevitabilidade do empenho moral, não do ideológico . . . . .	201
17. O filósofo e a política . . . . .	205
18. Insuficiência da mútua subordinação de filosofia e política . . . . .	209
19. Originariedade da prática . . . . .	214

## TERCEIRA PARTE

**VERDADE E FILOSOFIA**

CAPÍTULO I   <b>Necessidade da filosofia . . . . .</b>	<b>221</b>
1. Ciência e religião pretendem suplantar a filosofia . . . . .	221
2. Arte e política pretendem sub-rogar a filosofia . . . . .	223
3. A filosofia assinalando o limite da ciência a mantém na sua natureza . . . . .	225
4. Só a filosofia garante a recíproca independência de filosofia e religião . . . . .	228
5. Degeração da arte e da política sem a filosofia . . . . .	231
6. Por demasiada crítica a filosofia declara o seu próprio fim . . . . .	232
7. Crise da filosofia como renúncia à verdade . . . . .	236

8. Alternativa entre verdade e técnica . . . . .	238
9. A filosofia como consciência da relação ontológica e o problema da linguagem filosófica . . . . .	241
10. Eficácia da filosofia como recuperação da verdade . . . . .	243
<b>CAPÍTULO II   Filosofia e senso comum . . . . .</b>	<b>245</b>
1. Exemplos de relações entre senso comum e filosofia . . . . .	245
2. Ambigüidade do senso comum, preso entre uma exigência de universalidade e um destino de historicidade . . . . .	247
3. Banalidade e presunção do senso comum separado da filosofia . . . . .	251
4. Impossibilidade de abandonar a filosofia ao senso comum . . . . .	254
5. Rigor do saber filosófico . . . . .	255
6. A filosofia como problematização da experiência e do próprio senso comum . . . . .	258
7. O senso comum como objeto da filosofia é a relação ontológica originária . . . . .	261
8. Inseparabilidade de universalidade e historicidade no senso comum . . . . .	264
9. Só a verdade reúne sem despersonalizar . . . . .	266
10. A identidade de teoria e práxis só pode ser originária . . . . .	270
11. Colaboração profunda entre senso comum e filosofia . . . . .	271
<i>Citações e referências . . . . .</i>	<i>273</i>
<i>Índice dos nomes . . . . .</i>	<i>289</i>